



Quem poderia ser
a uma hora dessas?



**LEMONY
SNICKET**

Ilustrações: Seth
Tradução: André Czarnobai

SÉGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright do texto © 2012 by Lemony Snicket
Copyright das ilustrações © 2012 by Seth
Copyright da ilustração da capa © 2012 by Seth
Copyright da capa © 2012 by Hachette Book Group, Inc.

Ilustrações publicadas mediante acordo com Little, Brown and Company,
Nova York, Nova York, Estados Unidos. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz s.a.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Who could that be at this hour?

Capa
Gail Doobinin

Preparação
Adilson Miguel

Revisão
Adriana Cristina Bairrada
Viviane T. Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Snicket, Lemony

Quem poderia ser a uma hora dessas? / Lemony Snicket ;
ilustrações Seth ; tradução André Czarnobai. 1ª ed. — São Paulo
: Seguinte, 2012.

Título original: Who could that be at this hour?
ISBN 978-85-65765-04-06

1. Ficção - Literatura infantojuvenil I. Seth. II. Título.

12-11446

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Diagramação: *Estúdio O.L.M./ Flavio Peralta*

Impressão e acabamento: *Geográfica*

2012

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707 3500
Fax: (11) 3707 3501
www.seguinte.com.br
www.facebook.com/editoraseguinte
contato@seguinte.com.br





1

Havia um vilarejo, uma garota e também um roubo.

Eu estava no vilarejo, fora contratado para investigar o roubo, e achava que a garota não tinha nada a ver com aquilo. Eu tinha quase treze anos e estava errado. Sobre tudo. Eu devia ter feito a pergunta: “Por que alguém diria que roubaram uma coisa que nunca foi sua, pra começar?”. Em vez disso, fiz a pergunta errada — quatro perguntas erradas, mais ou menos. Esta é a história da primeira delas.

A Casa de Chá e Papelaria Cicuta é o tipo de lugar onde o chão parece estar sempre sujo, mesmo quando

está limpo. E não estava limpo nesse dia em questão. A comida no Cicuta é ruim demais para se comer, em especial os ovos, que provavelmente são os piores ovos da cidade, incluindo aqueles que estão expostos no Museu do Mau Café da Manhã, onde os visitantes aprendem até que ponto podem arruinar seus ovos. O Cicuta vende canetas e papéis danificados e inúteis, mas o chá até que é bebível, e sua localização bem em frente à estação de trem faz dele um bom lugar para a gente sentar com nossos pais antes de embarcar num trem rumo a uma nova vida. Eu estava usando o terno que ganhei de presente de formatura. Tinha ficado pendurado no meu armário por semanas, como se fosse uma pessoa oca. Eu estava de mau humor e com sede. Quando o chá chegou, por um momento só pude ver o vapor. Eu havia dito adeus a uma pessoa muito rápido, e agora queria que tivesse demorado mais. Disse a mim mesmo que aquilo não importava e que, certamente, não era hora pra ficar emburrado. “Você tem trabalho a fazer, Snicket”, disse a mim mesmo. “Não há tempo para ficar triste.”

“De qualquer forma, você vai encontrá-la em breve”, pensei, equivocadamente.

Então o vapor se dissipou e eu olhei para as pessoas que estavam comigo. É interessante olhar para a família de alguém e imaginar como ela pareceria a um estranho. Eu via um homem de ombros largos enfiado em um terno marrom e felpudo, que parecia deixá-lo desconfortável, e uma mulher tamborilando a mesa com as unhas, sem parar, o som parecendo o galopar de um cavalo pequeno. Ela tinha uma flor no cabelo. Os dois estavam sorrindo, especialmente o homem.

— Você ainda tem muito tempo antes do seu trem partir, filho — ele disse. — Você gostaria de pedir alguma coisa pra comer? Ovos?

— Não, obrigado — eu disse.

— Estamos tão orgulhosos do nosso garotinho — disse a mulher, que talvez pudesse parecer nervosa a alguém que a estivesse observando com cuidado. Ou talvez não. Ela parou de tamborilar os dedos na mesa e os passou pelo meu cabelo. Em breve, precisarei de um corte. — Você deve estar tinindo de entusiasmo.

— Acho que sim — eu disse, mas não estava tinindo. E não estava sentindo absolutamente nada.

— Ponha o guardanapo no colo — ela me disse.

— Já pus.

— Bem, então beba seu chá — ela disse, e outra mulher entrou no Cicuta. Não olhou para mim ou minha família, nem para qualquer outro lugar. Passou raspando na minha mesa, muito alta e com uma grande cabeleira selvagem. Seus sapatos faziam barulho quando ela caminhava. Ela parou numa gôndola de envelopes e pegou o primeiro que viu. Depois jogou uma moeda para a mulher atrás do balcão, que a pegou quase sem olhar, e então saiu pela porta. Com todo aquele chá sobre as mesas, parecia que um dos seus bolsos estava fumegando. Fui o único que a notou. Ela não olhou para trás.

Existem dois bons motivos para se pôr um guardanapo no colo. Um é que a comida pode cair, e é melhor que manche o guardanapo do que a roupa. O outro é que pode servir como um esconderijo perfeito. Praticamente ninguém seria intrometido a ponto de tirar o guardanapo do colo de alguém para ver o que está escondido embaixo.

Dei um longo suspiro e olhei para o meu colo, como se estivesse perdido em meus pensamentos, e então, rápida e silenciosamente, desdobrei e li o bilhete que a mulher havia deixado ali.

SAIA PELA JANELA NO BANHEIRO

E ME ENCONTRE NO BECO ATRÁS DESTA LOJA.

ESTAREI ESPERANDO NO ESPORTIVO VERDE.

VOCÊ TEM CINCO MINUTOS. — S

“Esportivo”, eu sabia, era uma maneira afetada de dizer “carro”, e eu não conseguia parar de imaginar que tipo de pessoa perderia seu tempo escrevendo “esportivo” quando bastava usar “carro”. Também não conseguia parar de imaginar que tipo de pessoa assinaria um bilhete secreto, ainda que fosse apenas com a letra S. Um bilhete secreto é secreto. Não há motivo para assiná-lo.

— Tudo bem, filho?

— Com licença — eu disse, levantando. Coloquei o guardanapo sobre a mesa e fiquei segurando o bilhete amassado na mão.

— Beba seu chá.

— Mãe — eu disse.

— Deixe-o, querida — disse o homem de terno marrom. — Ele tem quase treze anos. É uma idade difícil.

Levantei e caminhei até os fundos do Cicuta. Provavelmente, já tinha passado um minuto. A mulher atrás do balcão ficou me observando enquanto eu olhava para os lados. Nos restaurantes, eles sempre nos obrigam a perguntar onde fica o banheiro, mesmo quando é a única coisa que poderíamos estar procurando. Disse a mim mesmo que não devia ficar envergonhado.

— Se eu fosse um banheiro — perguntei à mulher —, onde eu ficaria?

Ela apontou para um corredorzinho. Notei que a moeda ainda estava em sua mão. Entrei rapidamente no corredor, sem olhar para trás. Eu não veria a Casa de Chá e Papelaria Cicuta outra vez por muitos e muitos anos.

Caminhei até o banheiro e vi que não estava só. Consegui pensar em apenas duas coisas para fazer no banheiro enquanto aguardava ficar só. Fiz uma delas, que era ir até a pia e jogar água gelada no rosto. Apro-

veitei a oportunidade para enrolar o bilhete numa toalha de papel e enfiar embaixo da água para destruí-lo. Joguei tudo fora. É provável que ninguém procure por ele.

Um homem saiu do reservado. Nossos olhares se cruzaram no espelho.

— Você está bem? — ele perguntou. Eu devia estar parecendo nervoso.

— Eu comi aqueles ovos — disse. Ele lavou as mãos e saiu. Fechei a torneira e olhei para a única janela. Era pequena, quadrada e tinha uma tranca muito simples. Até uma criança poderia abri-la, o que era bom, já que eu era uma criança. O problema é que ficava a uns três metros de altura, numa quina do banheiro. Mesmo na ponta dos pés eu não conseguia nem chegar perto da tranca. Qualquer idade seria difícil para alguém que precisasse sair por aquela janela.

Entrei no reservado. Atrás do vaso havia um grande embrulho feito com papel pardo e barbante, mas meio frouxo, como se ninguém se importasse se poderia ou não ser aberto. Encostado na parede daquele jeito, não chamava muito a atenção. Dava a impressão de ser alguma coisa de que o Cicuta poderia precisar, ou uma

ferramenta esquecida pelo encanador. Não parecia ser da minha conta. Eu o puxei para o meio do reservado e fechei a porta enquanto rasgava o papel. Não a tranquei. Um homem com ombros fortes seria capaz de abrir uma porta dessas à força mesmo que estivesse trancada.

Era uma escada dobrável. Sabia que estava ali. Eu mesmo a havia colocado.

Devo ter levado um minuto até encontrar o bilhete, mais um para ir até o banheiro, mais um esperando que o homem saísse, e outros dois para armar a escada, destrancar a janela e dar um meio salto, meio escorregão pela janela e cair sobre uma poça de água no beco. No total, cinco minutos. Limpei a água enlameada das minhas calças. O esportivo era pequeno e verde, parecia ter sido um carro de corrida algum dia, mas agora havia só rachaduras e rangidos em toda sua carroceria arredondada. Aquele esportivo fora negligenciado. Ninguém tinha cuidado dele, e agora era tarde demais. Quando entrei, a mulher estava séria, sentada no banco do motorista. Sua cabeleira havia sido domada por um pequeno capacete de couro. As janelas estavam abertas, e a

atmosfera chuvosa combinava com o clima dentro do carro.

— Eu sou S. Theodora Markson — ela disse.

— Eu sou Lemony Snicket — respondi e entreguei-lhe um envelope que trazia no bolso. Dentro havia o que poderíamos chamar de carta de apresentação, alguns parágrafos me descrevendo como excelente leitor, bom cozinheiro, músico medíocre e péssimo lutador. Tinha recebido instruções para não ler minha carta de apresentação, e acabei perdendo um tempo abrindo e depois fechando o envelope novamente.

— Sei quem você é — ela disse, jogando o envelope no banco traseiro. Ela olhava pelo para-brisa como se já estivéssemos em movimento. — Houve uma mudança nos planos. Estamos com muita pressa. A situação é mais complicada do que você imagina ou do que poderia explicar diante da atual circunstância.

— Diante da atual circunstância — repeti. — Você quer dizer “agora”?

— Claro que é isso que eu quero dizer.

— Se estamos com pressa, por que você não diz simplesmente “agora”?

Ela se inclinou na minha direção e abriu a porta.

— Saia — ela disse.

— O quê?

— Ninguém fala comigo desse jeito. Seu antecessor, o jovem que trabalhou para mim antes de você, nunca falou comigo desse jeito. Nunca! Saia!

— Desculpe — eu disse.

— Saia.

— Desculpe — eu disse.

— Você quer trabalhar pra mim, Snicket? Você quer que eu seja sua tutora?

— Sim — respondi, olhando para o beco.

— Então preste atenção. Não sou sua amiga. Não sou sua professora. Não sou sua mãe ou uma guardiã ou alguém que vá tomar conta de você. Sou sua tutora, e você é meu aprendiz, palavra que significa “pessoa que trabalha para mim e que faz absolutamente tudo que eu mando fazer”.

— Estou contrito — eu disse —, palavra que significa...

— Você já pediu desculpas — disse S. Theodora Markson. — Não se repita. Isso não é apenas repetitivo,

é redundante, e as pessoas já ouviram isso antes. Não é adequado. Não é inteligente. Eu sou S. Theodora Markson. Você pode me chamar de Theodora ou de Markson. Você é o meu aprendiz. Você trabalha para mim, e você vai fazer tudo que eu mandar. Vou te chamar de Snicket. Não existe jeito fácil de treinar um aprendiz. Minhas ferramentas são o exemplo e a cobrança. Vou mostrar a você o que eu faço, e depois vou mandar você fazer outras coisas. Entendeu?

— O que o S quer dizer?

— Sempre fazendo as perguntas erradas — ela retrucou, e então ligou o motor. — Você deve achar que sabe tudo, Snicket. Você deve estar muito orgulhoso por ter se formado e por ter conseguido escapar pela janela de um banheiro em cinco minutos e meio. Mas você não sabe de nada.

S. Theodora Markson tirou uma de suas mãos do volante e esticou o braço sobre o painel do esportivo. Ela usava luvas. Foi só então que vi a xícara de chá, ainda fumegante. Na sua lateral estava escrito CICUTA.

— Você nem deve ter notado que eu peguei o seu chá, Snicket — ela disse, inclinando-se sobre mim e

arremessando o chá pela minha janela. O chá ficou fumegando no chão e, por alguns segundos, vimos uma nuvem estranha se formar naquele beco. O cheiro era doce e inadequado, como o de uma flor perigosa.

— Láudano — ela disse. — É um opiáceo. Um medicamento. Um sonífero. — Ela se virou e me olhou pela primeira vez. Pareceu-me simpática, eu diria, mas não a ela. Parecia ser uma mulher que tinha muito o que fazer, que era exatamente o que eu imaginava. — Três goles dessa coisa e você ficaria incoerente, palavra que quer dizer que você balbuciaría, não falaria coisa com coisa e ficaria quase desacordado. Você jamais teria embarcado naquele trem, Snicket. Seus pais o levariam correndo daquele lugar para outro lugar, lugar em que, posso garantir, você não gostaria de estar.

A nuvem desapareceu, mas eu continuei olhando em sua direção. Eu me senti completamente sozinho naquele beco. Se tivesse tomado meu chá, nunca estaria naquele esportivo, e se nunca tivesse estado naquele esportivo, eu nunca terminaria caindo dentro da árvore errada, ou entrando no porão errado, ou destruindo a biblioteca errada, ou encontrando todas aquelas respostas erradas para as perguntas erradas que eu estava fa-

zendo. S. Theodora Markson tinha razão. Eu não tinha ninguém para cuidar de mim. Eu estava com fome. Bati a porta do carro e olhei nos seus olhos.

— Aqueles não eram meus pais — eu disse, e então nós partimos.